

SANTOS

VIVENCIANDO A HISTÓRIA- CURRÍCULO SANTISTA



André Thèvet. Retrato de Cunhambebe. Disponível em <https://tinyurl.com/cunhambebe2>

ANOS FINAIS - 7º ANO - MATERIAL DO ESTUDANTE

EDIÇÃO ESPECIAL

SEDUC/DEPED/COFORM/COPED

SEFORM/SENUTEC

2020

A presença dos jesuítas na Capitania de São Vicente e a catequização dos indígenas

Esta atividade propõe uma reflexão sobre a presença dos Jesuítas e o processo de catequização dos indígenas na Capitania de São Vicente, assim como sobre os impactos da conversão no modo de vida dos nativos.

Atividade 1. Observe a imagem



https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcTftYpEQyNZpzXig1k1ynPIH-dB7Lsvr__lXQ&usqp=CAU. Acesso em: 03/08/2020.

- Você conhece esse monumento?
- Sabe onde ele está localizado?
- Você conhece o seu significado?

Agora leia o trecho a seguir da carta de Pero Vaz de Caminha:

"Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente."

Pero Vaz de Caminha

Compare o monumento a José de Anchieta à narrativa de Caminha na Carta e procure identificar semelhanças entre eles, lembrando que o monumento é uma obra do século XX e a Carta, do século XV.

Você sabia?

José de Anchieta foi um dos mais destacados jesuítas que atuaram no Brasil. Ele era espanhol e chegou por aqui em 1553, aos 19 anos de idade, na comitiva do segundo governador geral, Duarte da Costa. Em dezembro, juntou-se ao padre Manoel da Nóbrega em São Vicente. No ano seguinte, no dia 25 de janeiro, ambos fundaram o colégio e a **Vila de Piratininga**, a atual cidade de São Paulo, onde Anchieta permaneceu até 1563. Retornou a São Vicente a fim de ir a **Iperoig** (Ubatuba), com Nóbrega, para negociarem a paz entre os **Tamoios** (que eram apoiados pelos franceses) e os **Tupis** (apoiados pelos portugueses). Foram recebidos com hostilidade pelos Tamoios e quase foram mortos por Paranapuçu, filho de Pindobuçu, que, vendo a devoção dos padres, acabou desistindo de matá-los. Manuel da Nóbrega regressou a São Vicente em 21 de junho, mas Anchieta só voltou de Iperoig no dia 22 de setembro, depois de três meses de cativo.

Atividade 2. Leia o texto a seguir e depois responda às questões.

A catequização

Para converter os indígenas à fé católica, os jesuítas iniciaram, em várias partes da colônia, a organização de aldeamentos autossuficientes chamados missões ou reduções. Nesses aldeamentos, os jesuítas trabalhavam para que os indígenas adotassem o modo de vida cristão e a adoração a um só Deus, abandonando a nudez, o politeísmo, a poligamia, a antropofagia, enfim, suas tradições e costumes ancestrais.

No combate à antropofagia, os jesuítas tentavam convencer os indígenas de que a carne dos batizados perdia o gosto.

Nas missões, os indígenas eram submetidos a uma rígida disciplina de oração e trabalho. Para possibilitar a catequese, os

jesuítas realizavam encenações, aprendiam as línguas nativas e elaboravam dicionários e gramáticas nesses idiomas. José de Anchieta escreveu a primeira gramática da língua Tupi.

A ação dos jesuítas causou um profundo impacto nos povos indígenas ao impor o modo de vida cristão, condenar suas práticas e crenças tradicionais, alterar suas estruturas sociais desvalorizando a função dos pajés e substituindo seu tipo de moradia.

As missões jesuíticas, apesar de protegerem os indígenas contra exploradores interessados em escravizá-los, colocava-os em risco de contágio por doenças trazidas pelos europeus e desconhecidas na América, principalmente a gripe e a varíola.

- a) Explique qual era a função das missões ou reduções jesuíticas e quais estratégias os jesuítas empregavam para possibilitar a catequese.
- b) Sabendo que a antropofagia era uma tradição ancestral entre os indígenas, de que forma os jesuítas tentavam convencê-los a abandoná-la? Explique.
- c) Apesar de proteger os indígenas contra exploradores, as missões traziam outros riscos. Quais eram eles?

Atividade 3. Leia o texto a seguir e responda às questões

A resistência à catequização

Mesmo com a catequização e a imposição do cristianismo, os indígenas usavam táticas para preservar suas crenças e costumes. Muitos aceitavam ser batizados com nomes cristãos, mas, em suas aldeias, usavam os nomes nativos. Diversos indígenas que aprenderam a ler e escrever em português enviaram cartas a El Rei de Portugal pedindo terras para viverem como "bons súditos e cristãos".

Para fugir à violência dos colonos e à escravidão, muitos buscavam as missões para preservar a vida. Era comum os indígenas que viviam nessas missões serem convocados por colonos e por autoridades para combater nativos "indóceis" nas guerras que aconteciam pelos sertões do país.

Um grande número não aguentava a doutrinação e a disciplina imposta pelos jesuítas e fugia. Nas missões, havia a figura do "meirinho", geralmente um indígena de confiança dos padres, responsável por impor aos nativos suas "responsabilidades cristãs". O meirinho podia aplicar castigos físicos aos indígenas "mais indisciplinados".

- a) Relacione as formas de resistência à catequização utilizadas

pelos indígenas.

- b) "Era comum os indígenas que viviam nas missões serem convocados por colonos e por autoridades para combater nativos 'indóceis' nas guerras que aconteciam pelos sertões do país. Na sua opinião, quem seriam esses nativos "indóceis"?"

Atividade 4



PESQUISA

Agora você é o historiador!

Vários locais marcam a memória da passagem de José de Anchieta pela Baixada Santista. Faça uma pesquisa em sites na internet e complete a tabela abaixo com o monumento e sua localização. Preenchemos a primeira linha como exemplo.

MONUMENTO	LOCALIZAÇÃO
Monumento a José de Anchieta	Santos (Ponta da Praia)

As alianças entre portugueses e indígenas: João Ramalho, Tibiriçá e Cunhambebe

A história do Brasil é dividida em quatro períodos: Pré-Colonial, Colonial, Monarquia e República.

O período Pré-Colonial tem início com a chegada de Pedro Álvares Cabral até a vinda de Martim Afonso de Souza, a mando do rei D. João III, com várias missões, inclusive a de fundar vilas. Para isso, vieram com ele cerca de 400 homens dispostos a se fixar no Brasil e dar início ao processo colonizador.

Mas isso não significa que, antes da chegada de Martim Afonso, outros portugueses e europeus já não vivessem por aqui. Eram geralmente naufragos e degredados. Porém havia, também, homens com espírito aventureiro que, por vontade própria, vinham para o Brasil em busca de fortuna e privilégios junto à coroa portuguesa.

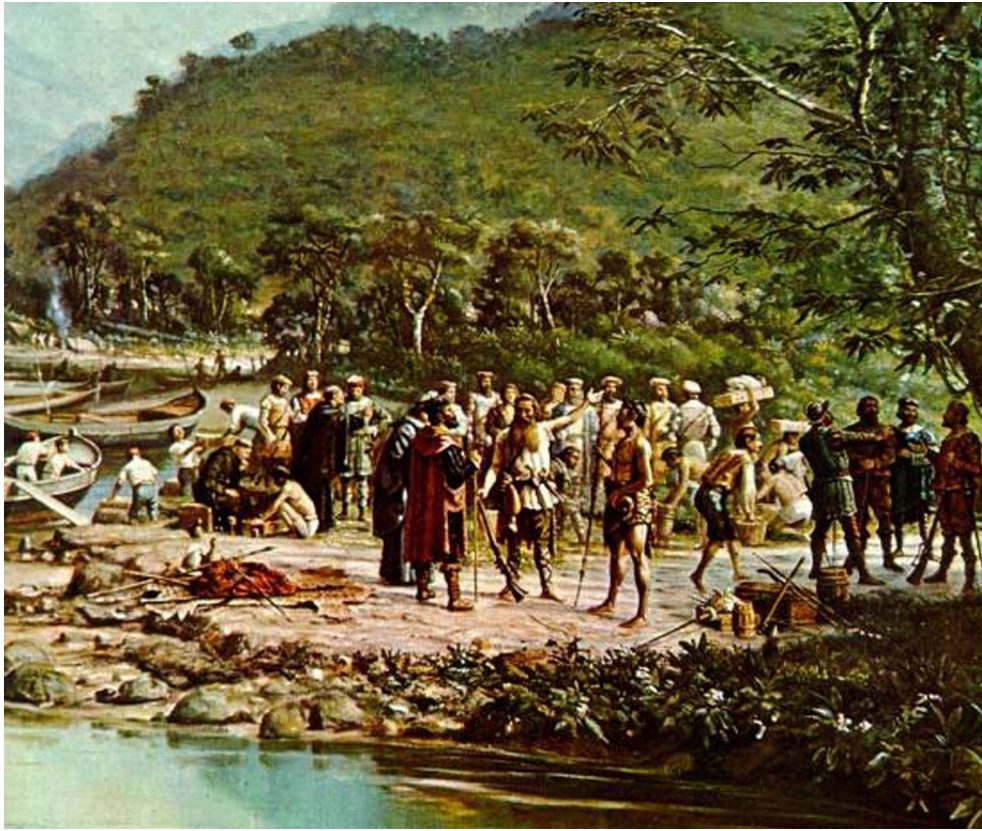
Esse foi o destino de João Ramalho, que entrou para a história como "O pai dos paulistas".

Quem foi João Ramalho?

João Ramalho foi um português que veio para o Brasil, provavelmente em 1512. Ele pode ter sido sobrevivente de um naufrágio ou um degredado.

Em 1532, convenceu o cacique Tibiriçá, de quem era genro, a não atacar a esquadra de Martim Afonso de Souza, quando este desembarcou em São Vicente e, ao invés disso, a dar-lhe auxílio.

João Ramalho ajudou Martim Afonso na fundação da Vila de São Vicente e o guiou pela Serra do Mar até os Campos de Piratininga, através das trilhas indígenas, das quais era um grande conhecedor.



Benedito Calixto. João Ramalho apontando o caminho de Piratininga a Martim Afonso de Sousa. Palácio de São Joaquim (RJ).

<https://4.bp.blogspot.com/-u14CF-HpId8/UPa4wT7grlI/AAAAAAAAACfo/tmUcMPWgHuA/s1600/%5B01%5D+Pintura+Joao+Ramalho+-+obra+de+Benedito+Calixto.JPG>. Acesso em: 22/09/2020.

João Ramalho vivia entre os indígenas, no planalto de Paranapiacaba - lugar de onde se vê o mar, em Tupi. Possuía várias esposas indígenas e filhos com elas. João Ramalho inseriu-se numa instituição social comum entre os nativos, chamada de **cunhadismo**. Por meio do cunhadismo, um estrangeiro era introduzido na comunidade sendo-lhe oferecida uma mulher. Assim como faziam entre si, os indígenas estendiam essa gentileza aos europeus. Essa mulher era chamada **temericó**. Esse costume era a consagração de um pacto de sangue. Pelo cunhadismo, o marido contava com o auxílio de toda a comunidade tanto no trabalho quanto na guerra. Dessa forma, ao unir-se com temericós de diferentes aldeias, construía-se uma ampla rede de alianças que, bem administrada pelos europeus que conseguiam se valer dessa instituição, conquistava riqueza, poder e sobrevivência.

A principal esposa de João Ramalho era M'bícy (Flor de Árvore), também conhecida por **Bartira** ou Portira. Bartira era filha de Tibiriçá "Senhor dos campos de Piratininga", principal chefe tupiniquim que, segundo Frei Gaspar da Madre de Deus, era "o cacique mais poderoso e o melhor guerreiro do continente". Ao se casar com Bartira, João Ramalho uniu-se a Tibiriçá, o que lhe garantiu muitas vantagens, entre elas guerreiros e fortificações.



João Ramalho e um de seus filhos.

<https://santoandrememoria.wordpress.com/2017/06/25/joao-ramalho-por-entre-duas-aguas-atravessei-a-vida/> Acesso em: 11/08/2020.

Totalmente "indianizado", João Ramalho participava da guerra ao lado dos indígenas e de suas cerimônias religiosas. Geralmente andava nu e não obedecia aos preceitos da religião católica.

Desde cedo, João ramalho auxiliou os portugueses na expansão territorial em São Vicente e no planalto de Piratininga. Mobilizou seus homens contra os Guaianases, contra os Carijós e também contra os rivais de Tibiriçá.

A escravização de muitos nativos pelos portugueses, nesse período, ocorreu com o auxílio de Ramalho, conhecido como "patriarca dos mamelucos".

Em 1562, mesmo ano da morte de Tibiriçá, João Ramalho chefiou um massacre contra os Tupiniquins rebeldes, em São Paulo, por ordem da câmara da Vila. Foi nessa povoação, aliás, que passou a residir, em 1560, cumprindo ordens do governador-geral Mem de Sá. Em 1564, recusou o cargo de vereador, já com mais de 70 anos de idade. Documentos mencionam que, em 1580, João Ramalho ainda estava vivo, beirando os 100 anos.

Tibiriçá

Como vimos na história de João Ramalho, Tibiriçá foi um dos principais caciques tupiniquins da região de Piratininga, no planalto paulista. **Tibiriçá** ("vigilante da terra") foi batizado pelos padres jesuítas José de Anchieta e Leonardo Nunes com o nome cristão de Martim Afonso, em homenagem ao fundador de São Vicente. Tornou-se aliado dos colonizadores e sogro de João Ramalho, este casado com sua filha Bartira. Em 1554, Tibiriçá uniu-se a Manuel

da Nóbrega e José de Anchieta na fundação de São Paulo, estabelecendo seu povo na área onde hoje está o Mosteiro de São Bento, no centro da capital. Falecido em 25 de dezembro de 1562, seus restos mortais estão guardados na cripta da Catedral da Sé.



Cacique Tibiriçá e Neto, tela de 2,31m x 1,45m, parte do acervo do Museu Paulista do Ipiranga. José Washth, c. 1932.

https://vejasp.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/11/12002893_1017520401603208_6105775949616640719_n.jpg?quality=70&strip=info. Acesso em 12/08/2020.

Tibiriçá era líder da aldeia de Inhapuambuçu, também chamada de Piratininga, a mais numerosa da região, com a qual rivalizavam as de Jurubatuba e de Urutaí, chefiadas por Caiubi e Piquerobi, que, segundo alguns documentos, seriam irmãos de Tibiriçá.

A importância de Tibiriçá reside em ter sido o protagonista na formação das "relações luso-indígenas" na região que veio a ser São Paulo.

Foi por meio da aliança com Tibiriçá que os portugueses se assentaram na região, fundando São Vicente, depois São Paulo, dando início ao tráfico de escravos nativos. Tibiriçá viu, nesta aliança, um reforço contra seus tradicionais inimigos, os Guaianases e os Carijós. As guerras entre aldeias tornaram-se a principal fonte de escravos no início da colonização. Tibiriçá recebia em troca armas, pólvora e outros produtos. Contava também com o apoio de Caiubi. Porém, Piquerobi se opunha a essa aliança, resultando numa guerra entre os Tupiniquins, cuja vitória coube a Tibiriçá.

O apoio aos portugueses, aos jesuítas e sua conversão ao catolicismo renderam a Tibiriçá o reconhecimento da Coroa, que lhe concedeu uma tença anual (pensão) e o hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

A aliança de Tibiriçá, em um curto espaço de tempo, revelou-se desastrosa para os nativos. O contato com os portugueses modificou suas tradições assim como o modo e os objetivos da guerra, além da difusão de doenças que dizimaram o grupo. Tibiriçá morreu em 1562, vítima de uma epidemia de disenteria trazida pelos escravos que começavam a chegar da África para trabalhar nas vilas vizinhas à sua aldeia.

Diversos historiadores viram em Tibiriçá um "traidor de sua própria raça", por ter combatido ao lado dos portugueses e apoiado os jesuítas - interpretação que desconhece a lógica da guerra indígena entre os Tupis.

Cunhambebe

Cunhambebe foi o maior chefe da Confederação dos Tamoios, na região entre Cabo Frio (Rio de Janeiro) e Bertioga (São Paulo), contra os portugueses e seus aliados tupiniquins em meados do século XVI.

Segundo os cronistas da época, Cunhambebe era um homem notável pela capacidade de controlar os recôncavos e angras através de canoas, atacando **São Vicente** e **Santos** por mar, bem como pela abordagem às galés e caravelas que passavam por aqueles portos ou neles fundeavam. Seu nome era temido por todos os navegantes da costa, que lhe atribuíam os mais espetaculares feitos.

Era tido como um guerreiro ousado, não respeitava peças de artilharia e gabava-se de ter comido mais de "dez mil" inimigos.

André de Thevet fez dele um retrato no qual figura um homem alto, forte de feições grosseiras, tendo o lábio inferior furado com um botoque.

O cronista que mais se detém em sua descrição é Hans Staden, alemão que esteve prisioneiro dos indígenas por volta de 1550 e relatou ter conhecido o chefe pessoalmente. Staden narra que Cunhambebe ficava extremamente satisfeito em saber o quanto era temido.

Não se sabe ao certo os motivos e nem a época de sua morte, mas há referências de que tenha morrido de "peste" entre 1554 e 1560, logo após a chegada do francês Villegagnon ao Rio de Janeiro.



Gravura representando o Cacique Cunhambebe, um dos líderes da Confederação dos Tamoios; de autoria de André Thevet.

<https://2.bp.blogspot.com/-fTKusewFlcw/U4YeQW3b6YI/AAAAAAAAABU/dmHKhrktE-4/s1600/Tamoios+imagem..JPG>. Acesso em: 22/08/2020.

Os indígenas reagiram de maneiras diversas à presença dos colonizadores e invasores. Eles desenvolveram formas de alianças que priorizavam, acima de tudo, seus interesses, decidindo a quem se aliar. Alguns apoiavam os portugueses, se considerassem isso uma oportunidade para lutar contra seus inimigos tradicionais. Outros grupos preferiam apoiar os franceses, por exemplo, mas tinham o mesmo objetivo: derrotar seus rivais nativos.

ATIVIDADE

1 - "A importância de Tibiriçá reside em ter sido o protagonista na formação das 'relações luso-indígenas' na região que veio a ser São Paulo". Analise a forma como a aliança com Tibiriçá beneficiou os portugueses e seus impactos para o grupo liderado por ele.

2 - Descreva o "cunhadismo" e quais as vantagens obtidas por João Ramalho ao se inserir nessa tradição indígena.

3 - É correto afirmar que Cunhambebe era um aliado dos portugueses? Por quê?

SUGESTÕES DE VÍDEOS

SOBRE JOÃO RAMALHO



SOBRE TIBIRIÇÁ



As invasões estrangeiras em Santos

Atividade 1



Fonte: arquivo pessoal.

Se você mora em Santos, certamente conhece a construção que aparece na foto.

- Você sabe que construção é essa?
- Conhece alguma coisa sobre a sua história? Como quando foi construída e por que foi construída?

Sugestão de vídeo

Fortaleza da Barra é símbolo de resistência a invasões estrangeiras a Santos.



Você sabia que, durante o período colonial, a Vila de Santos foi invadida por piratas e corsários? Nesta atividade, iremos estudar em que contexto histórico ocorreram essas invasões e qual a ligação delas com o **mercantilismo**. Antes, que tal recordarmos o que foi o mercantilismo?

Para promover o fortalecimento econômico-financeiro do Estado, os reis absolutistas da Europa adotaram uma série de práticas conhecidas como **mercantilismo**. Veja a seguir algumas dessas práticas.



Balança Comercial Favorável: associava a riqueza de uma nação à sua capacidade de exportar mais do que importar.



Metalismo: o principal indicador de riqueza de uma nação era a quantidade acumulada de metais preciosos (ouro e prata).



Protecionismo: taxas e tarifas cobradas pela entrada de produtos importados, dificultando as importações, com o objetivo de manter a balança comercial favorável.

Fonte: Arquivo pessoal.

União das Coroas Ibéricas

A maioria das invasões estrangeiras, em Santos, ocorreu durante o período em que Portugal esteve subordinado à Espanha. Esse período, de 1580 a 1640, ficou conhecido como **União Ibérica**. Vamos relembrar os fatos que deram origem a esse período?

Os acontecimentos que levaram à união, em 1580, (para os espanhóis: união das coroas ibéricas; para os portugueses: dominação filipina ou habsburgo) tiveram início após o desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer Quibir, no Marrocos, em 1578, aos 24 anos de idade. O jovem rei não deixara herdeiros para o trono, ficando o reino português a cargo de seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, já de idade avançada e doente.

D. Henrique morreu, em 31 de janeiro de 1580, sem deixar um sucessor para o trono. O rei da Espanha, D. Filipe II, neto de D. Manuel, o Venturoso, da dinastia Habsburgo, viu-se no direito de assumir o trono português. Assim, ordenou a invasão do reino vizinho e uniu as duas coroas.

Sob o domínio espanhol, Portugal herdou também os inimigos da Espanha e por isso suas colônias passaram a ser atacadas por corsários ingleses, franceses e holandeses.

Foi, nesse contexto, que os franceses tentaram se fixar no Maranhão, em 1612, fundando ali a chamada França Equinocial (lembra-se de que, em 1555, os franceses fundaram, no Rio de Janeiro, a França Antártica, sendo expulsos em 1567). No ano de

1615, os franceses foram derrotados e se retiraram do Maranhão, deslocando-se para a região das Guianas, onde fundaram uma colônia chamada Guiana Francesa.

Para a Holanda a União Ibérica significou um enorme prejuízo, já que eram os holandeses os maiores financiadores da produção de açúcar nos engenhos do nordeste. Dessa forma, foi criada a **Companhia Holandesa das Índias Ocidentais**, com o objetivo de recuperar o lucrativo comércio do açúcar que haviam perdido e de participarem do tráfico de escravizados.

Após uma tentativa frustrada de tomar a cidade de Salvador, em 1635, os holandeses atacaram o litoral de Pernambuco e fixaram a sede de seu governo, primeiramente em Olinda e depois em Recife.

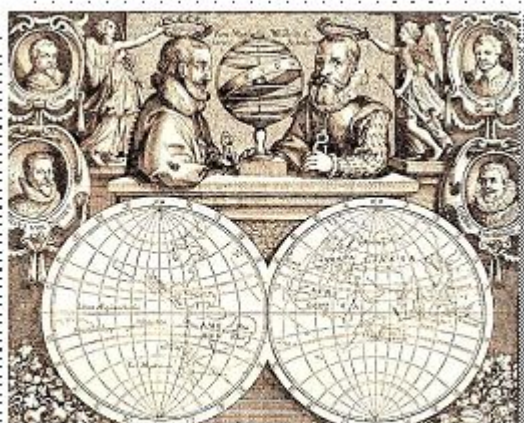
Foi nesse cenário de disputas entre holandeses e espanhóis que a Vila de Santos sofreu alguns ataques de corsários holandeses e franceses, como veremos a seguir.



Mapa holandês mostrando o cerco a Recife (PE).

https://pt.wikipedia.org/wiki/Invas%C3%B5es_holandesas_no_Brasil. Acesso em: 11/08/2020.

Invasões estrangeiras à Vila de Santos



Gravura, denominada "Glorificação de Willem Van Schouten", onde aparecem alguns dos invasores da Vila de Santos. Enquanto o circunavegador Willem Van Schouten é comparado a Fernão de Magalhães, por ter sido o primeiro a dobrar a ponta meridional da Terra do Fogo (Cabo Horn), nas imagens laterais são vistos Francis Drake, Oliver van Noord, Thomas Cavendish e Joris van Spilbergen.

<https://i.pinimg.com/originals/7c/f4/62/7cf4620bb06fba8544ac1f2a10bc5e8.jpg>. Acesso em: 11/08/2020.

Desde a instalação da Alfândega do Porto de Santos, em 1550, a Vila prosperou rapidamente. A ampliação das atividades portuárias, a produção dos engenhos da região, a interligação comercial com outras áreas litorâneas e o planalto de Piratininga trouxeram certa riqueza para alguns de seus moradores. Anthony Knivet, um dos homens do corsário Thomas Cavendish, que atacou a Vila de Santos no Natal de 1591, registou em seu livro "Vária Fortuna e Estranhos Fados" que, além de uma grande quantidade de provisões, os corsários de Cavendish saquearam dos cofres do Colégio dos Jesuítas 1.700 reais em prata, bem como ouro, provavelmente extraído dos ribeirões da encosta do pico do Jaraguá. O total do butim roubado por Cavendish, somando-se o ouro e as moedas, seria de 100 mil cruzados.

Segundo o pesquisador Marcílio Braghetta Soares, o que atraiu os piratas e corsários teriam sido a prata e o ouro que chegavam por meio das ligações comerciais que supostamente a Vila de Santos mantinha com a região andina, através dos rios Paraguai e da Prata, vinculando as suas atividades ao processo mercantilista. Além disso, Santos está a meio caminho do sul do continente e da foz do rio da Prata, tornando-se um porto de reabastecimento de água e víveres para os corsários e piratas que navegavam por essa região, cujo domínio também era da Espanha.

Os ataques piratas à Vila de Santos



1583: 16 de dezembro. O pirata inglês Edward Fenton, comandando uma nau, dois galeões armados e cerca de 200 homens, atacou a Vila de Santos.



1591: na noite de 24 de dezembro, enquanto os moradores da Vila de Santos assistiam à celebração de Natal na Igreja Matriz, o corsário inglês **Thomas Cavendish** invadiu e saqueou o povoado.



1599: a nau holandesa "Gouden Wereld" (Mundo Dourado) foi capturada nas proximidades do Porto de Santos.



1615: 17 de janeiro. **Joris Van Spilbergen.**



1710: o corsário francês François Duclerc.

Sugestão de vídeo

Piratas e Corsários na Costa dos Fortes. Com a União Ibérica, a Espanha adquiriu domínios de amplitude global. Para tentar romper com a hegemonia espanhola, a Coroa Inglesa passou a emitir Carta de Corso autorizando ataques e pilhagens aos domínios espanhóis. Foi nesse contexto que a Costa dos Fortes passou a sofrer "visitas" indesejáveis de aventureiros dispostos a pilhar e a destruir em busca de fama e riquezas.



Atividade 2.

1. As frases, a seguir, dizem respeito às características do mercantilismo. Aponte a qual delas cada uma se refere.

- (A) Evitar a saída de metais preciosos do país.
- (B) Exportar o máximo e importar o mínimo.
- (C) Aumentar os impostos sobre produtos estrangeiros.
- (D) Todo comércio colonial deve ser monopólio da metrópole.

- () Protecionismo.
- () Metalismo.
- () Balança comercial favorável.
- () Pacto (ou Exclusivo) colonial.

2. Foi durante a União das Coroas Ibéricas que ocorreu a maioria dos ataques estrangeiros à Vila do Porto de Santos. Explique o porquê de esses ataques terem ocorrido nessa época.

3. Relacione os motivos gerais que levaram a Vila de Santos a ser atacada por piratas e corsários.



Pesquisa

Agora você é o historiador!

A pirataria foi uma atividade comum entre os séculos XV e XVIII. Hoje em dia ela ainda ocorre, sendo o Porto de Santos vítima contínua dessa prática. Assim, pesquise em sites na internet quais os principais produtos visados pelos piratas da atualidade no Porto de Santos, como eles agem e de que forma as autoridades estão tentando coibir essa situação.